

Como escrever cidades¹

EM 2016, INICIAMOS NO POLO DE PESQUISAS LUSO-BRASILEIRAS – PPLB, sediado no Real Gabinete Português de Leitura, o projeto “Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento”, com acesso livre a todos que se interessam pelas literaturas de língua portuguesa e pelos estudos contemporâneos de paisagem.² Para seu início, contamos com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), em Lisboa, o que permitiu a criação da plataforma por um grupo interdisciplinar de pesquisadores (Letras, História e Turismo), que executam o projeto a partir de suas universidades, como a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de parcerias com colaboradores de outras instituições brasileiras e estrangeiras. A Fundação Calouste Gulbenkian apoiou ainda, em 2019, a publicação, pela editora da Universidade Federal Fluminense, a Eduff, do livro intitulado *Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários*, com organização de Ida Alves, visando à “discussão sobre a relação paisagem e subjetividade, cultura e memória, numa concepção interdisciplinar característica de nossa atualidade”.³

- 1 A parte inicial desta apresentação repete, salvo pequenos ajustes, o texto introdutório ao primeiro dos três volumes da série *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*, organizado por Ida Alves e Eduardo da Cruz, por considerar que cada um deles pode ser lido de forma independente e que o seu conjunto resulta de um mesmo projeto de pesquisa.
- 2 O projeto pode ser conhecido em <http://www.paginasmovimento.com.br/>
- 3 Cf. ALVES, Ida (org.). *Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários*. Niterói: Eduff, 2019, p. 10.

São 18 estudos sobre obras literárias brasileiras e portuguesas, desde a Idade Média até o século xx. A publicação desses trabalhos ampliava, com ponto de vista teórico e analítico mais desenvolvido, o que se ia publicando na plataforma eletrônica, cujos textos assumem outra dicção, mais próxima do leitor não especialista.

O objetivo geral desse projeto, em sua primeira fase, é reunir apresentações de diferentes obras literárias de autores brasileiros e portugueses, destacando como eixo de abordagem as paisagens escritas/inscritas nessas obras. Numa futura segunda fase do projeto, serão incluídas também obras de autores africanos de expressão portuguesa, tornando-se “Páginas Luso-Afro-Brasileiras em Movimento”. O acervo de obras reunidas, de escritores de diferentes épocas, forma uma biblioteca em movimento que o leitor pode acessar como desejar. Também professores de diferentes disciplinas, sobretudo do ensino médio, podem utilizar esse acervo eletrônico, fartamente acompanhado de imagens, como motivação para atividades criativas ou de estudo sobre determinados conteúdos a partir de textos literários.

Desde 2018, agora com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj, em projeto aprovado na seleção do Edital Cientista do Nosso Estado (2018–2021),⁴ focalizamos as cidades do Rio de Janeiro e Lisboa escritas em obras literárias de diferentes épocas. Se, no espaço virtual, os textos – “páginas em movimento” – procuram captar a atenção do leitor, favorecendo uma espécie de deambulação sedutora por determinadas obras literárias, com o auxílio visual de imagens (fotografias e pinturas) das paisagens ali observadas, propomos, na série de três livros intitulada *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*, estudos mais detalhados sobre como se escrevem na prosa ficcional ou documental e na poesia, brasileiras ou portuguesas, essas duas cidades tão ligadas pela história e pela língua. Este segundo volume, assim, dá continuidade aos trabalhos reunidos no primeiro, publicado em 2020.

Há muitas formas de se relacionar com uma cidade, com diferentes percepções de seu espaço, sua gente e seu imaginário. As perspectivas sobre uma cidade, paisagem urbana simples ou mais complexa, variam infinitamente de acordo com as condições do sujeito que a olha: se a pessoa é natural daquele lugar, migrante ou turista; o ponto de onde se olha e os variados deslocamentos traçados na malha urbana; o período histórico-cultural em que isso se dá e as diversas percepções do observador, cons-

4 Referente ao processo n. E-26/202.851/2018.

tituído por traços singulares, como posição social, gênero, cor, orientação sexual etc. Todas essas nuances podem fazer com que uma cidade seja tão múltipla quanto todos aqueles que a observam. Compreendemos bem como, à luz de diferentes abordagens disciplinares, a paisagem urbana é um “sistema de significação”, “objeto de interpretações”, com a “pluralidade de suas dimensões”:⁵ é patrimônio e memória, uma geografia íntima e coletiva, um espaço de sociabilidade, uma estética da vida partilhada, um lugar de conhecimento e de poder, mas também labirinto, deserto e passagens. Essas experiências podem ser pensadas e questionadas nos diferentes modos como certas cidades são recriadas nos textos literários. A própria eleição de uma cidade e, dentro dela, de determinados espaços gera sentidos diferentes e demanda interpretações singulares. Algumas são recorrentemente elencadas por escritores e escritoras em suas obras, tornando-se cidades literárias por excelência. Imersos na tradição estética ocidental, estamos muito habituados a pensar artisticamente em Paris, Londres, Nova York, Dublin, Roma, mas precisamos também deslocar nossa atenção para cidades fora desse eixo, e isso, no âmbito do mundo que fala português, significa ir ao encontro de duas cidades que marcam de forma muito particular um imaginário transatlântico: Rio de Janeiro e Lisboa.

Por isso, os ensaios que compõem a série de três livros são justamente dedicados a analisar como essas duas cidades se fazem presentes nas obras de alguns escritores portugueses e brasileiros do século XIX à contemporaneidade, num diálogo múltiplo, diverso. Esse conjunto reflete também as diferentes abordagens metodológicas e teóricas sobre a relação entre literatura e paisagem, ou entre texto e geograficidade, ou entre escrita literária e outros saberes sobre ocupação e habitação de espaços. Apesar da diferença de análises, da diversidade de pressupostos teóricos e críticos de pesquisadores dos dois lados do Atlântico que estudam obras oitocentistas, novecentistas e contemporâneas, o olhar atento sobre as duas cidades, seja do sujeito poético, seja do narrador ou de uma ou outra personagem, liga mais uma vez todos os capítulos do livro, articulando-se páginas e paisagens. O olhar, percebido e analisado em distintos textos literários sob as mais variadas perspectivas, faz ressaltar o ponto de vista sobre a cidade: se fixo ou deambulatório; se íntimo, por uma janela; ou público, em ruas, praças e subúrbios;

5 Indicamos aos interessados a leitura de SANSON, Pascal (dir.). *Le paysage urbain: représentations, significations, communication*. Paris: L'Harmattan, 2007. E também de PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas* (1996). São Paulo: Senac, 2004. 3ª. ed. revista e ampliada.

com a utilização de técnicas modernas ou contemporâneas de visualidade ou por meios de transporte que cruzam seus bairros, sua realidade espacial; muitas vezes, a partir da memória individual ou coletiva, na tentativa de dar conta das transformações urbanas, políticas e sociais. As diferentes visões sobre Rio de Janeiro e Lisboa revelam não apenas paisagens urbanas híbridas, mas também as pessoas que nelas vivem e as configuram no cotidiano e nos afetos.

NOS ESTUDOS QUE SE DEDICAM À PAISAGEM CARIOCA, a cidade é apresentada por meio de tensões, transformações e desequilíbrios. Marcus Vinicius Nogueira Soares aponta o Rio de Janeiro que emerge da obra de José de Alencar como um espaço marcado pelo conflito de classe fundamentado na própria estrutura de uma cidade que rapidamente se modificava. Esse movimento também alterava negativamente as relações sociais, restando aos personagens a busca por lugares idílicos, como meio de realizar ou mesmo de garantir os encontros afetivos, que se tornavam, para o escritor, cada vez mais improváveis na capital do Império. Joelma Santana Siqueira, assinalando a importância da revisão de noções cristalizadas pela crítica, demonstra que Joaquim Manuel de Macedo também captou as modificações da cidade do Rio de Janeiro, introduzindo, aos poucos, aspectos importantes da vida urbana em suas narrativas e sinalizando as responsabilidades individuais e políticas responsáveis pela existência das desigualdades e das contradições da sociedade brasileira oitocentista. Andreia Alves Monteiro de Castro observa que, em suas crônicas, Olavo Bilac, na virada do século, descreveu a paisagem urbana, criticando, com frequência, o antigo frente ao novo, com o intuito de legitimar, a qualquer custo, a transformação do Rio de Janeiro em uma moderna metrópole cosmopolita. Maria Aparecida Ribeiro comprova que, no Brasil dos “anos de chumbo”, Carlos Drummond de Andrade, um mineiro luxuriosamente seduzido pelo Rio de Janeiro, celebra e eterniza as riquezas das paisagens física, humana e cultural da cidade, mas também denuncia as grandes mazelas presentes na metrópole. Ribeiro ainda evidencia as várias estratégias do poeta para revelar e enfrentar os impedimentos do exercício da cidadania, fossem eles sociais, culturais ou políticos. Já Regina Célia dos Santos Alves destaca que a paisagem urbana em *Fala, amendoeira*, de Drummond, é percebida a partir da rua, dos meandros, de uma experiência, de uma vivência subjetiva e particular da cidade. Uma urbe viva, espaço de participação do

sujeito com o outro, com as coisas comuns, que resiste, ainda que ameaçada pela mutilação provocada pela acirrada modernização, pelo implacável e incontrolável movimento do tempo. Stefania Chiarelli apresenta, a partir do ruído do apito, uma espécie de paisagem marítima e sonora construída por Samuel Rawet. Uma experiência ruidosa que se opõe ao mutismo de seus habitantes, estrangeiros, exilados, marginalizados que vivem circunstâncias de desabrigo e de naufrágio na cidade que acolhe e repele ao mesmo tempo. Leonardo Davino de Oliveira comprova que também é sonora, musical e cheia de contrastes a paisagem da (auto)biografia carioca de Caetano Veloso. Da favela do Muquição ao Leblon, coexistem Macabéas e Meninos do Rio, e se misturam o balé e o coreto, a brisa e o calor, o veneno e o remédio, Deus e o diabo. Um Rio de Janeiro que também é muito baiano, como nas imagens cantadas da Estação Primeira de Mangueira, enfim, uma cidade que atravessa e que é atravessada pelo traço do poeta. No último dos artigos sobre a paisagem carioca que não é sempre maravilhosa, Cláudia de Azevedo Miranda expõe como João Paulo Cuenca, um escritor em crise com sua cidade, manifesta a sua insatisfação com o Rio através do olhar de seu personagem/narrador que se depara com as ruínas da capital pré-olímpica, questionando a violência enfrentada pelos mais vulneráveis e o tédio experimentado nas bolhas sociais que ele frequenta.

A Lisboa sentida, subjetivamente criada, textualmente vivida é a paisagem que marca os artigos da segunda parte do livro. Elisabeth Fernandes Martini indica que Fialho de Almeida, pretendendo oferecer ao seu leitor uma “fotografia completa” de Lisboa, registrava tanto as elegantes paisagens da burguesia quanto a “Gomorra submersa” dos invisíveis e marginais, contudo essas imagens são profundamente marcadas pela opinião mordaz do escritor. Ana Cláudia Salgueiro da Silva ressalta como as obras de Hans Christian Andersen e de José Rodrigues dos Santos podem despertar o turista que há nos leitores e ajudar a promover a redescoberta e a revalorização do patrimônio cultural português, ao instigar aqueles que passeiam em suas páginas a conhecer paisagens lisboetas pelos itinerários ficcionalizados ou factualmente percorridos por autores consagrados. Monica Figueiredo cartografa as geografias lisboetas traçadas por Fernando Pessoa, apresentando, a par e passo, a paisagem poética, “lugar de abrigo do real, da concretude da vida”, e a paisagem que o “turista deve ver”, descrita no guia turístico, produzido em inglês, datilografado e deixado inacabado pelo poeta. Já Paulo Braz, a partir das três paragens que constituem o percurso de seu texto, explicita que a escrita desassossegada de Bernardo Soares se estabelece à maneira de uma *poética da paisagem*, fantasmática, em perpétuo desvanecimento, uma paisagem

suicida advinda da “viagem ao seu interior, em que todo o universo íntimo se converte no mito impossível da sua própria ficção”. Alexandre Montauray salienta que a percepção da cidade do escritor português neorrealista José Gomes Ferreira se confunde com a observação crítica do comportamento social do lisboeta, ressaltando o quanto, na complexa paisagem humana da cidade de Lisboa da primeira metade do século xx, o sentido de comunidade parece fraturado pela presença de uma moral salazarista que se manifesta de forma violenta no cotidiano da cidade. Para Luci Ruas, o percurso traçado por José Cardoso Pires, em *Lisboa, livro de bordo*, é um exercício do olhar e do pôr-se à distância para pensar e refletir, no qual, além das páginas que dão conta de sua deambulação pelas ruas da cidade, incluem-se aquelas em que as artes plásticas se aliam ao verbal, provocando um diálogo entre o visto, o pensado, o sentido e o rememorado. Juliana Santos Menezes analisa e compara as representações literárias da cidade presentes em *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, e *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, obras que oferecem temas que contextualizam o espaço citadino e contribuem para a construção da imagem de Lisboa. Ernesto Rodrigues afirma que o espaço, sempre social, de Baptista-Bastos topografa-se de um telurismo originário, no qual se pode ir do *amaenus* ao *terribilis*, porém jamais ao *horrendus*; destaca ainda que, na representação da Lisboa heroína e seu povo miúdo, os grandes deslocamentos são mentais, íntimos e afetivos. Susana L. M. Antunes percorre os itinerários circulares e transculturais da densamente delicada geografia poética de Ana Marques Gastão, que não só humaniza, como também transcende a cidade-espaço, atribuindo a Lisboa plurissignificações ligadas a arquétipos e à transitoriedade mística.

Na parte final do livro, Rio, Lisboa e Paris se cruzam pelo olhar estrangeiro. Raquel S. Madanêlo Souza demonstra como Mário de Sá-Carneiro estabelece um contraponto ao representar a paisagem parisiense como um corpo sensual, voluptuoso, festivo, e a lisboeta como uma repulsiva aldeia estreita, amarela, provinciana. Para o escritor, a conquista da capital francesa significava alcançar a liberdade do próprio corpo, plenamente realizável somente no corpo do texto literário. Lucas Teixeira Barbedo e Marcus Rogério Salgado abordam como as impressões do brasileiro Nestor Victor sobre a “Capital do Mundo” apontam que, se a urbanização do Rio de Janeiro era uma fantasia, Paris também se revelava, quando observada empiricamente e ao rés do chão, como uma fantasia sustentada pela literatura, pelos dioramas e pelos cartões-postais ou por museus e salões. No fecho deste volume, Ângela Maria Dias faz ver a paisagem desoladora configurada pelo olhar derrotado de um personagem de Luiz Ruffato, um imigrante pobre brasileiro, mineiro de

Cataguases, que arrisca tudo para tentar a vida em Portugal, vivendo em sua capital. O contato com essa paisagem alheia acentua a percepção de sua des-territorialização e o estranhamento do léxico lisboeta em sua fala oralizada. Acompanhando uma espécie de depoimento desse personagem, o leitor experimenta o fio melancólico que dá coesão ao texto ficcional, composto de sonhos e fracassos. “A paisagem desoladora da impotência do clandestino, ofuscado diante da cidade magnífica, passa a ser o espaço transicional de um sujeito sem horizonte”. Como o leitor poderá seguir, muitos são os caminhos na paisagem urbana dessas cidades que pensam e se expressam em língua portuguesa, ao mesmo tempo tão próximas e tão distantes.

AGRADECEMOS À FAPERJ – CIENTISTA DO NOSSO ESTADO o apoio necessário à edição desta série de livros *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*. Também agradecemos ao Real Gabinete Português de Leitura e a seu Centro de Estudos, representado pelo Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB) e o Grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras (PLLP), o apoio técnico permanente e a colaboração intensa para a execução do projeto eletrônico “Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento”, com a produção constante de estudos analíticos, a organização de cursos de extensão e a realização de atividades diversas que visam sobretudo oferecer a professores de ensino básico e fundamental, estudantes universitários e interessados de diferentes áreas a compreensão de abordagens contemporâneas da paisagem e a importância de sua presença nos textos literários como via de diálogo interdisciplinar e de conhecimento mais efetivo dessas cidades que habitamos no seu cotidiano e recriamos continuamente ao longo do tempo.

Esperamos assim que este segundo volume contribua com novas leituras dessas paisagens urbanas, Rio de Janeiro e Lisboa, em movimento no espaço e no tempo.

maio de 2021

AS ORGANIZADORAS